Faculdade
de Ciências Econômicas
UFRGS

análise econômica

- ♦ **A TEORIA NEOCLÁSSICA (PURA) E A
TEORIA NEO-AUSTRÍACA FRENTE
AO LEGADO CARTESIANO**
Eleutério F. S. Prado
- ♦ **MEDIDAS DE CONCENTRAÇÃO
INDUSTRIAL: UMA RESENHA**
Marcelo Resende
- ♦ **SISTEMA TRIBUTÁRIO E IMPOSTO
ÚNICO SOBRE TRANSAÇÕES**
Ricardo Letizia Garcia
- ♦ **ECONOMIA DO NORDESTE:
TENDÊNCIAS DAS ÁREAS DINÂMICAS**
Policarpo Lima
- ♦ **CUSTOS E BENEFÍCIOS DA
INTEGRAÇÃO DO GRUPO ANDINO**
Marco Antônio Montoya
- ♦ **PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**
Egon Roque Fröhlich

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Hêlgio Henrique Casses Trindade

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Pedro César Dutra Fonseca

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Paulo Alexandre Spohr

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Chefe: Prof. Achyles Barcelos da Costa

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Coordenador: Prof. Nali de Jesus de Souza

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL

Coordenador: Prof. Atos Freitas Grawunder

CONSELHO EDITORIAL: Achyles Barcelos da Costa, Aray Miguel Feldens, Atos Freitas Grawunder, Carlos Augusto Crusius, Fernando Ferrari Filho, Juvir Luiz Mattuella, Marcelo Savino Portugal, Maria Imilda da Costa e Silva, Nali de Jesus de Souza, Nuno R. L. de Figueiredo Pinto, Otília Beatriz K. Carrion, Paulo Alexandre Spohr, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Roberto Camps Moraes, Valter José Stülp, David Garlow (Wharton Econometrics Forecasts Association, E.U.A.), Edgar Augusto Lanzer (UFSC), Eleutério Prado (USP), Fernando de Holanda Barbosa (FGV/RJ), Gustavo Franco (PUC/RJ), João Rogério Sanson (UFSC), Joaquim Pinto de Andrade (UnB), Juan H. Moldau (USP), Werner Baer (Univ. de Illinois, E.U.A.).

COMISSÃO EDITORIAL: Atos Freitas Grawunder, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Marcelo Savino Portugal, Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Nali de Jesus de Souza

SECRETARIA: Cláudia Porto Silveira, Jeferson Luis Bittencourt e Vanete Ricacheski (revisão de textos)

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte. Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas e avaliações. Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. NALI DE JESUS DE SOUZA

Revista *Análise Econômica*

Av. João Pessoa, 52

CEP 90040-000 PORTO ALEGRE - RS, BRASIL

E-MAIL: NALI@VORTEX.UFRGS.BR

Telefones: (051) 316-3348 e 316-3440

Fax: (051) 225-1067

FORMAÇÃO EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Egon Roque Fröhlich

SINOPSE

Este trabalho procura verificar como se processa a formação dos economistas em nível de Pós-Graduação nos Estados Unidos. Qual é o perfil dos estudantes e o que fazem após lograrem seu doutoramento em economia? Estas e outras perguntas nortearam o objetivo da pesquisa em nível nacional. O lado positivo da formação dos economistas bem como as preocupações são apresentadas. Ênfase é dada à interligação entre economia, matemática e econometria. Qual o programa central que deveria nortear a formação dos doutores em economia? Quais são as limitações da formação em nível de pós-graduação em economia? A criatividade e as limitadas habilidades de comunicação estão entre as sérias dificuldades dos estudantes de pós-graduação em Economia.

1. INTRODUÇÃO

A experiência de várias décadas de ensino pós-graduado em Economia nos Estados Unidos e sua recente avaliação nos resultados do Relatório da Comissão de elevada qualificação, bem como de outros artigos constituem valioso e sério conteúdo para refletir e, se possível, compará-los com a formação em nível de pós-graduação em economia nas universidades e institutos brasileiros, onde se faz sentir uma acentuada preocupação com a qualidade, eficiência e eficácia dos cursos de pós-graduação em Economia.

A Comissão sobre "Educação no Pós-Graduação em Economia" foi estabelecida em 1988 para verificar como se processa a sua formação e que resultados estão sendo obtidos.

A busca de um entendimento de como estão os cursos de pós-graduação em economia em termos de conteúdo e estrutura norteou os membros da Comissão,

O texto sintetiza as informações mais relevantes contidas principalmente no Relatório, procurando ser fiel a seu conteúdo (Report, 1991); Hansen (1991); The Education (1991).

PhD pela Universidade de Wisconsin, Madison, USA. Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e do Curso de Pós-Graduação em Economia Rural e Sociologia da UFRGS, pesquisador do IEPE e do CNPq. O autor agradece a Mário F. Rosito, bolsista de Iniciação Científica do CNPq, pelos serviços de digitação do trabalho, e ao Prof. Nali de Jesus Souza, por seus comentários e sugestões.

Cód. AEA
844

Palavras-chave: ensino economia, pós-graduação em economia e ensino economia EUA

ANÁLISE ECONÔMICA

ANO 12

março e setembro/94

p. 93-107

composta por Anne O. Krueger, Duke University; Kenneth J. Arrow, Stanford University; Olivier Jean Blanchard, M.I.T; Alan S. Blinder, Princeton University; Cláudia Goldin, Harvard University; Edward E. Leamer, UCLA; Robert Lucas, University of Chicago; John Panzar, Northwestern University; Rudolph G. Penner, Urban Institute; T. Paul Schultz, Yale University; Joseph E. Stiglitz, Stanford University e Laurence H. Summers, Harvard University.

Quem são os estudantes de pós-graduação em economia? O que fazem quando obtêm seu PhD? Quão bem a experiência no pós-graduação os prepara para suas carreiras? Até que ponto a pesquisa e outras habilidades aprendidas se coadunam com as exigências impostas em suas atividades profissionais? Estas e outras questões foram propostas pela Comissão, face a crescentes queixas acerca da natureza da pesquisa e do treinamento em departamentos de economia na maioria das universidades. Parecia haver um divórcio entre o ensino da economia e as questões do mundo real. Esta percepção tem sido compartilhada por vasto número de pessoas dentro e fora da profissão. A Associação Americana de Economia (American Economic Association) teve a iniciativa de efetuar um tipo de *survey* "auto-crítico". A Comissão informou-se acerca do estado atual da formação acadêmica e do mercado de trabalho para os economistas. Examinou ementas, provas, conteúdo de cursos centrais, além de outros aspectos de formação em pós-graduação. Ademais, obteve informações acerca das atitudes de chefes de departamento, professores, alunos dos cursos de pós-graduação, formandos em economia, PhD's com títulos obtidos há 5 ou 10 anos, e os empregadores de novos doutores.

A Comissão foi urgida para emitir seu julgamento, tendo como amparo a opinião de seus membros bem como dos *surveys* e análise de outros dados. O relatório fornece um feixe de juízos, que representa o ponto de vista de consenso dos membros da Comissão sobre "Formação em Economia em nível pós-graduado". Ninguém aprovaria cada sentença, e em muitas instâncias membros da Comissão têm pontos de vista fortes que não estão expressos neste documento, mas ela procurou elaborar um relatório coerente que todos pudessem assinar. Além do mais foi deixado claro, desde o início, que os juízos da Comissão não seriam da responsabilidade da Associação Americana de Economia.

O Relatório oferece, primeiramente, um resumo geral das tendências da profissão. Então aborda a formação em pós-graduação atendo-se em áreas onde melhoramentos parecem possíveis. Discute as exigências para entrar no programa e analisa o programa básico do primeiro ano. Após, chama a atenção para deficiências do curso como um todo: como a falta de criatividade dos estudantes, bem como a capacidade de redigir e de se comunicar. Depois considera o processo de selecionar um tópico para dissertação e seu preparo. Por fim, aborda a diversidade de cursos de pós-graduação, para concluir com breve resumo e sugestões.

2. A SITUAÇÃO ATUAL DA PROFISSÃO - O LADO POSITIVO

A Comissão inicia mencionando alguns "sucessos" da profissão, antes de centrar em áreas onde são percebidos espaços para avanços. Nas disciplinas acadêmicas, a economia tem andado relativamente bem nas últimas duas

décadas. Em muitos campos, os ganhos reais e ingressos de estudantes em programas de pós-graduação decaíram, e muitos novos PhD's não encontraram trabalho nas suas áreas de concentração.

Em contraste, os ganhos dos economistas caminharam juntos com outros campos da vida acadêmica. Além do mais, o número de PhD's obtidos a cada ano se manteve constante, em contraste com a queda em muitas outras disciplinas. A constância no número de doutorados tem sido conseguida com o aumento da proporção de estudantes estrangeiros qualificados, com reflexos sobre a qualidade do ensino pós-graduado.

Em adição à inscrição e ganhos havidos, pesquisas indicam o relativo bom desempenho dos economistas, pois a evidência sugere que os estudantes, na maioria das faculdades, se não estão razoavelmente satisfeitos com a formação em nível de pós-graduação em economia e com a disciplina em si, ao menos não estão com grande aversão a ela.

Alguns economistas estão preocupados com o "formalismo vazio" na profissão e outros, com o aumento dos padrões de análise. Alguns acreditam que problemas relevantes estão sendo esquecidos; no entanto, outros estão eufóricos pelo progresso possível na aplicação de novos métodos.

3. A SITUAÇÃO DA FORMAÇÃO DO PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA: FUNDAMENTO PARA PREOCUPAÇÃO

Afirmar que a situação corrente da profissão é saudável, contudo, não quer dizer que ela está bem. Entrevistas com empregadores não acadêmicos geralmente revelaram profunda insatisfação como treinamento dos novos PhD's em economia. Desde que o crescimento na demanda por parte de empregadores não acadêmicos tem sustentado o mercado de emprego para economistas, há motivo para preocupação acerca desta insatisfação. Apesar de 58% dos novos PhD's, inicialmente, empregar-se em posições acadêmicas, ensinando na graduação e no pós-graduação, a Comissão julga que esta insatisfação precisa ser tomada a sério.

Alguns vêem como preocupação que o suprimento de novos doutores provindos de disciplinas "competitivas", parece estar aumentando rapidamente e pode estar substituindo doutores em economia. Contrastado com um número relativamente constante de 800-850 novos PhD's em economia, as escolas de administração têm expandido anualmente sua produção de doutores, graduando mais de mil doutores por ano na atualidade. Escolas de administração têm sido a maior fonte de demanda por doutores em economia nos círculos acadêmicos.

Outra razão para preocupação emergiu na consideração das áreas principais no curso de graduação em economia. Um determinante central de demanda por doutores em economia ainda é o "mercado" ensinar na graduação.

O aumento no número de pós-graduados, que estão estudando algo em economia, sugere um desenvolvimento favorável e evidencia o crescimento da sua importância num âmbito variado de problemas. Porém, seria um grande erro concluir que o treinamento de economistas práticos deveria ser deixado inteiramente para outros programas. Programas de pós-graduação em economia devem competir seriamente. Enquanto departamentos em economia não deveriam manter um monopólio na formação de economistas, a Comissão crê que o enfoque mais amplo

e o quadro analítico da economia seja bom para estudantes, ela julga também que os departamentos de economia deveriam ter uma vantagem comparativa de ensiná-la.

Até agora, programas como política pública, ao competir com a economia no ensino da graduação, têm dependido predominantemente de departamentos de economia para fornecer a maioria dos PhD's em economia para ensinar nestes programas. Há certa evidência, no entanto, de que as escolas aplicadas estão crescentemente produzindo seus próprios economistas doutores (Hansen, 1991, tabela 2). Esta tendência deverá continuar, o que não é bom para departamentos em economia e, provavelmente, também não será desejável para as escolas aplicadas.

4. PREOCUPAÇÕES CENTRAIS DA COMISSÃO

Os resultados do *survey* indicaram que professores e estudantes de pós-graduação concordaram que ferramentas e teoria foram enfatizadas no curso de pós-graduação, enquanto bem menos ênfase foi atribuída à criatividade e à solução de problemas. Os membros da Comissão, a partir de sua própria experiência, constataram que há uma subênfase nas "ligações" entre instrumentos, sejam teóricos ou econométricos, e "problemas do mundo real", constituindo o ponto fraco na formação do pós-graduado em economia.

A Comissão acredita que há melhor desempenho no ensino de teoria e dos instrumentos em si, do que em torno do seu uso, por isso os estudantes necessitam mais treinamento na relevância e na aplicação das ferramentas. A Comissão teme, outrossim, que a estrutura da formação atual do pós-graduado pode estar excluindo economistas potencialmente criativos e cheios de intuições de serem doutores. Semelhantemente, há preocupação de que estudantes de pós-graduação que vêm de outras áreas para a economia podem doutorar-se com pouco ou sem conhecimento de problemas e das instituições econômicas.

É difícil conseguir o apropriado equilíbrio entre ensinar os instrumentos de teoria e econometria e suas aplicações. Suspeita-se que, em um mundo ideal, nem todos os departamentos se empenhariam por conseguir tal equilíbrio. No entanto, a profissão, como um todo, poderia aumentar a ênfase no ensino do uso das técnicas.

5. ADMISSÃO AO PÓS-GRADUAÇÃO

Como já foi apontado, houve significativa mudança com maior fração de estudantes estrangeiros ingressando na escola pós-graduada. Provavelmente menos da metade dos atuais ingressantes nos cursos são cidadãos americanos.

A proporção de mulheres ingressando em curso superior também aumentou. A evidência acerca da qualidade de estudantes que entram é limitada. Os escores indicam que os que se inscrevem em economia podem ter um direcionamento para os que têm mais preparo em matemática e algo menos em habilidades verbais. Em parte, isto pode refletir uma direção para estudantes estrangeiros. Há também alguma evidência de que a natureza do currículo base e os exames preliminares desempenham um papel na formação do número dos que se inscrevem no curso.

Outra questão importante: estão sendo colocados os pré-requisitos adequados

para a pós-graduação? Uma fração crescente de novos estudantes na pós-graduação formar-se-á em áreas diferentes da economia (Hansen, tabela 3, p. 1064). Departamentos de economia assumem que seus estudantes de pós-graduação já têm informação suficiente acerca dos problemas e instituições do mundo atual em seus currículos de graduação. Duas questões afloram neste aspecto: quanto trabalho preparatório na matemática e na estatística deveria ser exigido para a inscrição de economistas na pós-graduação? Quanto preparo deveria haver em teoria econômica?

Voltando, primeiro, à matemática. Não se duvida sobre a utilidade de teoria econômica e de matemática para organizar e mesmo criar conhecimentos. A Comissão crê que as ferramentas teóricas da teoria econômica são centrais à disciplina e que a matemática é essencial para captá-las. Sua preocupação é que, como cada geração de economistas se torna mais hábil em matemática, cada qual exige mais da seguinte. Se esta tendência continuar indefinidamente, sem uma contraposição na melhoria das habilidades técnicas dos estudantes que entram, certamente haverá um maior desvio dos recursos de ensino da economia para a matemática. Alguns podem arguir que isto levará a uma mudança fundamental no caráter dos economistas acadêmicos, assim como o ensino se direcionou mais e mais a transmitir os instrumentos e não os questionamentos. Pode-se ensinar a linguagem da matemática, mas não a lógica da economia, valorizando a gramática da disciplina, ao invés da substância.

Até que ponto e quanto as exigências de matemática já têm diminuído o conteúdo da economia, é assunto de opiniões conflitantes. Muitos economistas percebem que houve substancial mudança. Cinquenta por cento dos membros de departamentos em economia, com doutorados obtidos em 1977-78 concordavam com a afirmação "o treinamento em pós-graduação em economia super-enfatiza ferramentas e matemáticas estatísticas".

A Comissão aponta duas maneiras de corrigir um desequilíbrio existente entre as habilidades matemáticas exigidas e aquelas possuídas pelos estudantes. Ações que visem melhorar as habilidades técnicas de estudantes que entram, ou que diminuam, ou mesmo revertam a tendência por maiores exigências técnicas em seus programas. Ela recomenda adotar parte de cada sugestão.

Graduados, que esperam continuar treinamento pós-graduado em economia, necessitam entender que o curso de graduação oferecido pela maioria dos departamentos de economia é, em si, preparação insuficiente para a pós-graduação. Esses estudantes precisam tornar-se adequadamente hábeis em matemática, antes de entrar em programas de pós-graduação. Se estudantes se inscrevem sem suficiente base matemática para seguir os cursos centrais, poucos e raros recursos intelectuais serão dedicados para aprender as ferramentas e a linguagem da matemática, e muito pouca atenção será dada ao aprendizado do conteúdo econômico dos cursos. Cursos auxiliares oferecidos no verão que precede à entrada no curso de pós-graduação podem ajudar, porém tais programas tendem a oferecer muito pouco e muito tarde.

Contudo, não é suficiente só insistir em melhores níveis de matemática. O trabalho do curso de pós-graduação, oferecido por departamentos de economia, também necessita cuidadoso monitoramento e, em alguns casos, de ajustamento. A linguagem usada em aula necessita ser inteligível pelos estudantes.

As mesmas considerações se aplicam à econometria, bem como à teoria econômica. Além disso, é necessário enfatizar as técnicas no curso. Simultaneamente, o nível da habilidade matemática, que se espera no curso de econometria, não pode ser baixo. Os estudantes que entram na pós-graduação deveriam ser clara e profundamente informados de que, sem *background* adequado em probabilidade básica, estatística e cálculo, dificilmente terão sucesso em qualquer programa de pós-graduação em economia.

A segunda questão - como tratar com estudantes que não tiveram suficiente teoria econômica no curso de graduação - é mais difícil. Uma solução, que a Comissão rejeita, é a de colocar exigências mais rígidas em teoria econômica. Esta área é muito ampla, onde pessoas de variadas habilidades e *background* podem contribuir. Não se deveriam estabelecer barreiras para ingresso nos cursos, mas usar com eficácia a diversidade de talentos. Uma segunda solução é que departamentos podem estender o período no qual os estudantes freqüentam cursos, uma prática que já tem sido adotada em alguns lugares. Porém, qualquer extensão substancial de tempo para completar a parte teórica do curso parece uma opção não atrativa, pois o programa de PhD já é muito extenso.

Uma terceira alternativa é que departamentos estabeleçam padrões de conhecimento econômico na graduação que eles esperam que os ingressantes na pós-graduação tenham, e então ofereçam formação "paliativa" em economia àqueles que o necessitam - como já é feito em matemática e econometria. Tais políticas tornariam o ensino dos cursos básicos mais fáceis e mostrariam que a economia é importante em programas na pós-graduação. Não é realístico, na verdade, pensar que um programa paliativo curto pode substituir uma boa base em teoria econômica na graduação. Apesar disso, exigir algum trabalho substitutivo para ingressantes sem curso de economia na graduação, proverá uma solução parcial ao problema.

6. O CURRÍCULO CENTRAL OU BÁSICO

O currículo central desempenha um papel-chave no treinamento de estudantes pós-graduados. Idealmente, transmite o cerne do que significa ser um economista, prepara os estudantes para cursos de pesquisa de campo no 2º ano, e familiariza-os com ferramentas teóricas e estatísticas, que serão usadas na redação da dissertação e em suas carreiras profissionais subsequentes.

As atitudes e valores transmitidos no 1º ano são centrais para iniciar os estudantes na "cultura" dos economistas. Se bem que homens e mulheres jovens não entram na pós-graduação como *tabula rasa*, há pouca dúvida de que suas percepções da economia são fortemente influenciadas pelos cursos do 1º ano em teoria econômica. Um currículo central, ao qual falte amplitude ou equilíbrio, criará uma imagem excessivamente restrita do que significa ser um economista. De outro lado, um núcleo que não transmite suficiente técnica matemática e estatística pode deixar o estudante mal preparado para realizar pesquisa. Estudantes, respondendo ao *survey*, atribuíram em geral elevados escores aos seus professores. Ao invés, o problema parece estar no conteúdo que lhes é ensinado.

6.1 Técnica x substância

O que deveria ser ensinado como núcleo central? Um assunto crítico é a relativa ênfase dada à técnica matemática versus conteúdo econômico. É aqui que muitos membros da Comissão, bem como muitos que responderam ao *survey*, sentem que o currículo central poderia muitas vezes ser melhorado.

A Comissão pensa que os economistas concordariam que estudantes devem obter uma profunda compreensão das funções dos mercados e dos preços. Mas alguns críticos da pós-graduação, incluindo muitos dos que responderam ao questionário, objeto desse Relatório (Report, 1991), argumentam que a insistência em níveis sempre mais elevados de matemática tem, na verdade, conduzido a um entendimento mais superficial dos processos econômicos básicos.

Comentários semelhantes se aplicam ao cerne dos cursos de econometria. Ela não deveria ser ensinada só como teoria estatística técnica, totalmente divorciada da análise dos dados, mas fazer freqüentes referências a questões empíricas reais na economia. Quando instrumentos econométricos são integrados com preocupações substantivas, elas se tornam as ferramentas poderosas da explicação econômica.

O receio da Comissão é de que programas de pós-graduação podem formar uma geração de muitos "idiotas sábios", hábeis em técnicas, mas ingênuos em analisar questões econômicas reais. A preocupação não é se avanços técnicos são necessários para o progresso científico em Economia, nem se economistas desejosos de pesquisar necessitam manejar certas técnicas. A questão é mais de prioridades, equilíbrio e tempo.

6.2 Amplitude versus profundidade

Uma segunda questão maior acerca de um currículo central é a amplitude e profundidade na seleção de tópicos a serem abrangidos. Ninguém acredita na transmissão do núcleo básico das disciplinas de microeconomia, macroeconomia e econometria em apenas um ano.

A Comissão crê que os melhores cursos básicos fornecem tanto uma "gama" ampla de ferramentas, conceitos e modelos como um tratamento aprofundado de alguns tópicos selecionados. De um lado não se desejam cursos puramente de tipo *survey*, que podem ser superficiais. De outro lado, os estudantes devem ser informados de que os poucos tópicos abordados com profundidade não representam a amplitude da economia. Um currículo central pode ser planejado com amplitude, e mantendo a profundidade adequada. Um estudante não necessita conhecer os detalhes técnicos de um modelo para apreciar as intuições que ele oferece. É mais importante estar familiarizado com um leque de modelos e técnicas a considerar ao escrever sua tese ou quando realizar pesquisa mais tarde. A vida continua após os exames preliminares (exames de qualificação) e um objetivo importante do núcleo central é o de preparar os estudantes a aprenderem por si mesmos.

Alguns dos programas (ementas), que a Comissão examinou, pareciam equilibrar bastante bem os aspectos de amplitude e profundidade; outros estavam aquém. Além disso, o conteúdo do currículo básico parece variar muito em algumas instituições de ano para ano, dependendo de quem o leciona. Isto, de certa forma, é

preocupante, pois o currículo deve prover formação econômica básica para cada estudante.

A Comissão não se opõe à diversidade, ao contrário, ela explicitamente apela à maior especialização por parte de alguns departamentos. Porém, a diversidade encontrada em várias ementas (Syllabi) mais parecia satisfazer os próprios interesses dos professores, ao invés de decisões conscientes e bem ponderadas por departamentos com vistas à especialização. Parece que, com frequência, membros de departamentos ignoram o fato de que o currículo básico tem aspectos de um bem público.

A Comissão recomenda aos departamentos que tomem alguma responsabilidade coletiva sobre o currículo central. Uma maneira aconselhável de fazê-lo é estabelecer comitês para supervisionar os conteúdos do programa central em macroeconomia, microeconomia e econometria. Tais comitês provavelmente deveriam ser pequenos, sem burocracia e sem interferir excessivamente nas prerrogativas de professores individualmente.

A Comissão não deseja especificar procedimentos. Ao invés disso, sugere que os departamentos reconheçam a boa natureza pública do currículo central e façam com que seus estudantes adquiram o essencial de uma formação econômica básica, incluindo cursos centrais ministrados por pessoas especializadas nas técnicas de economia e que saibam comunicar a relevância dos problemas econômicos.

Uma reforma no currículo central ao longo destas ponderações com certeza enfatizará um nível mínimo de proficiência em matemática. Talvez comunicará melhor o objetivo pleno da Economia, não colocando maiores impedimentos em estudantes provenientes de diferentes áreas de formação.

7. AS ÁREAS OU CAMPOS DE ESTUDO

As áreas servem para diferentes papéis no currículo de pós-graduação (ex: comércio internacional, organização industrial, desenvolvimento econômico, finanças públicas, história da economia, etc.). Elas permitem a exploração de fatos e temas, possibilitando um ampliado leque no ensino de teoria e de econometria. Muitas vezes permitem a concentração do núcleo na teoria e na técnica com alguém motivado por problemas do mundo real. Embora a Comissão acredite que a sequência central deveria incluir aplicações do mundo real, são os cursos de áreas específicas que têm a responsabilidade primária na ligação da teoria e técnicas empíricas com aplicações ao mundo real.

Os estudantes que encontram uma falta de conexão com o mundo real nos cursos de teoria básica deveriam encontrá-la suprida nas áreas específicas. Porém, as respostas aos questionários indicam que a maioria dos estudantes não encontra os cursos de áreas servindo esta função. Preocupações em torno da ausência de uma base empírica e aplicada no currículo inteiro da economia eram expressos nas respostas abertas aos questionários. No geral, os estudantes julgam que seus cursos estendem e ampliam a teoria mas têm pouco sucesso em aplicar e usar esta teoria.

Por razões complexas, algumas áreas se mantiveram vinculadas ao mundo real, enquanto outras se distanciavam ainda mais dos problemas econômicos. É normal

que as áreas mudem no correr do tempo. Avanços na teoria, por exemplo, podem preceder trabalhos empíricos.

A tarefa da Comissão tem sido a de avaliar o currículo de Economia e não a disciplina em si. Mas há uma clara relação entre a habilidade de ensinar teoria econômica de maneira atualizada e relevante, e a literatura que os economistas produzem. A Comissão espera ver mais cursos, e mais conteúdos nos cursos existentes, que aplicam e usam teoria, de sorte que eles intermediem os campos teóricos e empíricos. Não há solução fácil para este problema. Somente se pode afirmar que esforços para trazer dentro da sala de aula bons resultados de pesquisa pertencentes a temas do mundo real, fortalecerão a formação na pós-graduação nas diferentes áreas.

Uma possibilidade, a curto prazo, para fortalecer a ligação entre ferramentas e suas aplicações, é encorajar seminários departamentais. Tais seminários seriam um fórum de pesquisa geral, onde professores, através de seu próprio exemplo, tentariam ensinar ou ao menos expor o processo criativo.

Outra possibilidade é fazer com que estudantes freqüentem mais cursos empíricos e aplicados. Alguns departamentos exigem que um de dois campos requeridos seja empiricamente orientado, outros não. Membros da Comissão pressionam os departamentos para que revejam suas exigências e conteúdos do curso de Economia para ver se seus estudantes obtêm boa fundamentação nos fatos da economia em si e uma despertada curiosidade acerca do mundo real. Seria também desejável se vários cursos incluíssem um trabalho de conclusão para estimular os estudantes no aprendizado da aplicação das ferramentas, motivando sua criatividade, como preparação ao processo de dissertação, como será discutido a seguir.

8. LIMITAÇÕES DO CURSO EM GERAL

Enquanto há papéis claramente identificáveis para o trabalho central e de áreas, há outros aspectos de formação que são obviamente importantes, e para os quais toda a parte teórica, bem como o trabalho subsequente da dissertação, deveriam dar alguma atenção.

Dois destes - criatividade e habilidades de comunicação, especialmente redação, - apareceram repetidamente como preocupações de empregadores de novos doutores ou faculdades de pós-graduação, bem como dos próprios alunos.

8.1 A criatividade

É desejável que programas de pós-graduação encorajem mais a criatividade; porém, sabe-se muito pouco como ensiná-la. Professores e estudantes concordam que a criatividade não foi enfatizada no percurso de seus estudos. O receio está em que as atuais formas de ensino pós-graduado podem, na verdade, estar oprimindo a criatividade. Na estruturação de programas atuais, os estudantes são muitas vezes solicitados a colocar sua criatividade potencial "em prontidão" durante os dois primeiros anos de estudo, enquanto acumulam e adquirem habilidades técnicas. Somente mais tarde, no estágio de dissertação, seu potencial criativo é demandado

e desenvolvido. Há pessoas, incluindo membros da Comissão, temerosas de que este enfoque dicotômico da formação possa aniquilar a criatividade do estudante antes de que tenha a oportunidade de florescer. Quem não tem sido frustrado por estudantes que, após dois anos árduos de cursos teóricos, não têm a mínima idéia acerca do que pesquisar e escrever na tese ou dissertação?

Enquanto a criatividade não pode ser ensinada por fórmulas simples, poucas e modestas mudanças curriculares podem ajudar. Encorajar e exigir que os estudantes escrevam mais trabalhos durante seus dois primeiros anos de estudo de graduação, oferecer-lhes-á a oportunidade para desenvolver sua criatividade. Como professores, precisam enfatizar o papel e a arte de perguntar as questões certas e relevantes aos estudantes. Ser capaz de usar as técnicas certas para solucionar e responder problemas específicos, é um bom treino, mas não é o suficiente.

É preciso reconhecer que a criatividade para a pesquisa econômica é multidimensional. Pode ser manifestada ao propor uma nova questão, reformular um problema existente, encontrar novas fontes de dados para testar uma proposição, desenvolver um novo modelo, ou ampliar técnicas matemáticas ou estatísticas. Cada uma destas contribuições tem validade e é necessária para o progresso da economia em seu sentido amplo.

8.2 Habilidades de escrever e de comunicação

Empregadores não acadêmicos foram especialmente críticos acerca das habilidades de redigir e comunicar dos novos PhD's em Economia. A queixa foi também verbalizada pelos empregadores acadêmicos e é frequentemente ouvida a partir de editores de revistas e leitores.

A insatisfação parece derivar da percepção do uso de muita gíria, bem como da convicção de que para muitos estudantes faltam habilidades expositivas básicas, ao tempo em que obtêm seus títulos de doutor.

A Comissão tem a impressão de que a maioria dos programas de doutoramento devotam pouca ou nenhuma atenção ao ensino ou encorajamento das habilidades expositivas. Onde seminários ou cursos são dirigidos para ajudar estudantes a desenvolver "habilidades de pesquisa", ao invés de ensinar conteúdos novos, há geralmente pouca ênfase em ensiná-los a escrever ou apresentar um trabalho oralmente. Ao contrário, a ênfase está nos estágios iniciais do processo de pesquisa - escolha de um tópico, coleta de dados e assim por diante. Quando estudantes elaboram tarefas ou iniciam o processo de trabalhar na tese, os comentários dos professores geralmente são dirigidos a conteúdos relevantes, excluindo as maneiras de expor ou apresentar o tema em si.

Suspeita-se que a falta de ênfase em comunicação, na maioria dos programas, reflete a falta de tempo para ensino, falta de confiança do instrutor na sua capacidade de ensinar as técnicas de comunicação, além do julgamento de que o estilo adequado da comunicação profissional é algo que os estudantes podem descobrir por si mesmos ou observando seus mestres.

Qualquer que seja a razão por tão fracas habilidades de redigir, suspeita-se que a comunicação pode ser melhorada, pois ajudaria estudantes academicamente orientados a acelerar a publicação de artigos em revistas científicas, baseadas em dissertações, e ajudá-los-iam eficazmente em suas profissões não acadêmicas. Os

lucros de uma boa redação sem dúvida surgem mais tarde na carreira profissional. Entretanto, a evidência de que economistas estão perdendo terreno no mercado de trabalho não acadêmico por causa de fraca redação é muito importante para ser ignorada.

Membros da Comissão, por isso, crêem que algum espaço deveria ser encontrado para treinamento em redação e comunicação. Há um número de possíveis passos para alcançar este objetivo. Alguns já foram mencionados, incluindo aumento do número de trabalhos no correr do curso de pós-graduação. Também seria útil desenvolver uma expectativa de que orientadores de teses tecerão comentários sobre os conteúdos e apresentações dos estudantes ajudando-os a converter suas pesquisas em artigos publicáveis. Na realização de cursos, podem ser oferecidos comentários indicando porque artigos específicos tiveram ou não tiveram impacto. Nos casos de redação seriamente deficiente, os estudantes podem ser persuadidos a frequentar cursos de redação técnica, inscrever-se em programas especiais de comunicação, ou descobrir outros meios para melhorar estas habilidades antes que redijam suas dissertações.

9. ESCOLHA DO TEMA E A ELABORAÇÃO DA DISSERTAÇÃO OU DA TESE

Um resultado que perturbou muitos membros da Comissão foi o aumento de tempo para concluir a dissertação. O tempo médio para concluir um programa de PhD em Economia tem aumentado em mais de um ano, nas últimas duas décadas. Situa-se agora em 6,4 anos. Na maioria dos programas, o trabalho de curso exigido e os exames de qualificação a ele associados podem ainda ser completados nos primeiros dois anos. É claro, pois, que o aumento do tempo de conclusão da pós-graduação está na fase de elaboração da dissertação ou da tese propriamente dita.

Parte do dilatado tempo para completá-la parece estar nas condições de mercado mais favoráveis que predominam durante a formação acadêmica. Vinte e cinco anos atrás, num mercado acadêmico mais restrito, um atestado de pós-graduação e um tópico interessante de tese eram suficientes para assegurar inclusão no mercado de trabalho. Mas, na última década, os estudantes têm aprendido que, para conseguir melhores empregos, devem ter completado um ou dois trabalhos a partir de suas teses ou de pesquisa correlata. Esta nova exigência do mercado é responsável, em parte, por um ano adicional na pós-graduação. Como tal, parte do tempo acrescido para obter o doutorado em Economia pode estar associado ao maior valor a ele atribuído.

Uma segunda causa para a dilatação do tempo de conclusão pode ser o declínio da disponibilidade de bolsas de pesquisa. Estudantes responderam que as bolsas de ensino não os tinham auxiliado na preparação do projeto de dissertação ou tese, embora reconhecessem sua utilidade em termos de formação pessoal.¹

As bolsas de pesquisa sempre desempenham papel importante em preparar estudantes para a dissertação. A disponibilidade de menos bolsas de pesquisa reduz diretamente esta espécie de treinamento no "trabalho".

¹ Muitos estudantes das universidades norte-americanas conseguem bolsas de estudo (Teacher Assistant). Através delas os estudantes auxiliam os professores no preparo das aulas, na elaboração da bibliografia e na repetição dos conteúdos programáticos... Elas são de valioso auxílio especialmente para as tarefas de ensino.

Além disso, várias das deficiências aparentes dos programas de pós-graduação, já assinaladas, podem também estar contribuindo para a ampliação do tempo de conclusão da pós-graduação. A ausência ou dificuldade de aplicações imediatas da teoria econômica ensinada e sua aplicação para problemas do mundo real nos cursos básicos, ou outras áreas de estudo, é um tal fator. A falta de ênfase nas habilidades de escrever e de comunicar, percebidos pelos estudantes, professores e possíveis empregadores, e aqueles pontos discutidos acima, certamente também contribuem; a par disso, o fato de poucos estudantes terem escrito um trabalho de pesquisa anterior sobre o tópico da dissertação, e de terem apresentado um seminário sobre seu próprio trabalho, ao concluir seu 3º ano, também evidencia uma deficiência na preparação da redação da dissertação.

Fazer com que estudantes redijam trabalhos como parte integrante de pesquisa de campo, e introduzindo tarefas empíricas e aplicações no núcleo central do programa, e em áreas diversas, deveria ser útil para ajudá-los na identificação mais rápida de tópicos de tese. Mesmo exercícios simples, como recursos de literatura, poderiam ajudar a desenvolver suas habilidades na seleção dos tópicos de pesquisa. Mas, o maior esforço para facilitar o progresso do estudante na formulação de um tópico de dissertação e completar a tese, deveria ser focalizado nos *workshops* dos estudantes de pós-graduação.

Os estudantes deveriam ser encorajados a assistir a discussões sobre pesquisa e fazer apresentações sobre tópicos de projetos de tese. Alguém do departamento deveria monitorar este processo de discussão e apresentação de cada estudante.

Para alguns programas de seminários bem fundamentados, pode ser desejável estabelecer um ou mais *workshops* totalmente reservados para estudantes de pós-graduação.

Infelizmente, um ingrediente-chave em todas estas propostas é o tempo adicional. Espera-se que todo o esforço investido durante a carreira do estudante de pós-graduação resulte em teses melhores, elaboradas em menos tempo, bem como com menos desistências.²

10. A COMPOSIÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

De acordo com a Comissão, sua visão da formação pós-graduada em Economia focaliza a natureza dos programas de doutorado em geral e nas mudanças que poderão melhorar a qualidade do treinamento. Não deveria haver presunção, contudo, de que a qualidade da pesquisa e ensino na profissão como um todo melhoraria se todos os departamentos adotassem um programa comum, qualquer que seja. Parece desejável que haja suficiente material em comum para dar aos economistas uma linguagem comum e um feixe de idéias básicas. Além disso, a especialização é inevitável, e certamente desejável, tanto dentro como entre departamentos.

Apesar das diferenças na natureza dos mercados que os diferentes departamentos servem, os currículos formais aparecem muito semelhantes entre si. Os *surveys*, os exames preliminares e os programas configuram um quadro de departamentos com objetivos similares e prioridades semelhantes através dos grupos. A Comissão crê que a ênfase em desenvolver habilidades requeridas para

² A esse respeito, e enfocando o caso brasileiro, ver SOUZA (1991).

pesquisa aplicada deveria ser mais forte, pois seria maior a proporção de PhD's envolvendo-se em pesquisa aplicada. Ela julga que grande parte do problema está no treinamento utilizado nos departamentos mais importantes. Eles têm excelentes professores treinados em economia aplicada. Mas, se aqueles departamentos não treinam seus doutores em pesquisa aplicada, quando eles começarem a trabalhar em outros departamentos, é provável que não saberão como treinar seus próprios alunos em pesquisa aplicada. Novos doutores provavelmente ensinarão e treinarão outros conforme sua própria formação, ao menos é o que a evidência sugere. Assim, mesmo aqueles departamentos que formam maior número de pessoas para o mercado acadêmico devem estar seguros de que treinaram bem seus PhD's, de tal sorte que estes, por sua vez, possam treinar adequadamente a outros estudantes das gerações atuais e futuras para realizarem pesquisa aplicada relevante e para se dedicarem com clareza ao ensino da Economia.

Um enfoque geral para desenvolver as habilidades requeridas para fazer pesquisa aplicada, contudo, é somente uma condição necessária para mudança. A estrutura de avaliação e de promoção dentro dos departamentos é tal que há fortes incentivos para emulação, ao invés de diversificação. Os departamentos não deveriam ser desencorajados a procurar mercados desenvolvendo um corpo acadêmico que pode abranger os cursos básicos, bem como os diferentes campos de especialização.

Há uma razão adicional para preocupação acerca da similaridade dos departamentos. Pesquisa econômica é uma atividade social que progride mais rapidamente nas mãos de pequenos grupos de especialistas que se conhecem e que não se perturbam se estão fora dos trilhos, quando comparados com a profissão como um todo. A pesquisa de ponta em uma área específica tende a realizar-se em um número muito limitado de centros de alto nível. Assim, a Universidade de Berkley é forte em teoria de equilíbrio geral, a Universidade da Califórnia e San Diego em econometria de séries temporais, Michigan em pesquisa do tipo *survey* e Pensilvânia em previsões macroeconômicas. Enquanto cada um destes departamentos tem sempre tido um corpo acadêmico diversificado, cada qual também tem tido um corpo especializado, o que tem atraído e treinado muitos estudantes.

Os resultados de tais concentrações falam por si. Sugerem que, do ponto de vista do progresso da Economia como um todo, pode ser que muitos poucos departamentos sejam orientados com suficiente acuidade, ou que muitos estejam tentando fazer coisas demais.

11. RESUMO DAS RECOMENDAÇÕES

Em resumo, a Comissão acredita que a formação em nível de pós-graduação pode ser melhorada se mais ênfase for dada em prover os estudantes com instrumentação para analisar problemas econômicos. Melhorará, segundo seu julgamento, a qualidade geral da profissão:

- Se exigências razoáveis na matemática, estatística e economia forem estabelecidas e requeridas como pré-requisitos para entrar nos cursos centrais (*core courses*).
- Se cursos de apoio forem oferecidos àqueles que desejam ingressar em

programas de pós-graduação em Economia e que tiverem deficiências em economia, matemática ou estatística.

- Se cursos centrais forem ministrados de tal sorte que aqueles com os pré-requisitos necessários puderem ver como a economia está sendo ensinada, com visão de equilíbrio entre amplitude e profundidade, com suficiente atenção para aplicações e vínculos com o mundo real, a fim de encorajar os estudantes a iniciar a aplicação dos conceitos por si mesmos.

- O núcleo central deveria ser olhado como a unidade básica na qual as coisas comuns a todos os economistas deveriam ser ensinadas. Ele deveria ser em parte considerado como um "bem público" e seu conteúdo necessitaria ser uma preocupação de qualquer departamento.

- Cursos de pesquisa de campo deveriam incluir mais aplicações empíricas, usando resultados empíricos e quebra-cabeças econômicos para estimular os estudantes. Deveriam ser exigidos trabalhos escritos de sorte que os estudantes iniciem a utilização de ferramentas e ganhem experiência em redigir antes do estágio da dissertação ou na tese.

- Maior atenção precisaria ser assinalada pelos professores às habilidades de redação e comunicação, alertando os estudantes, seriamente deficientes, acerca das oportunidades de cursos de redação técnica e outros meios para melhorar suas habilidades comunicativas.

- Esforços deveriam ser feitos, mediante seminários departamentais, maior eficácia nos *workshops* e outros meios, para facilitar a transição da parte teórica para a dissertação ou tese.

- A maioria dos programas de pós-doutorado são tão semelhantes que a diferenciação do produto intelectual parece validar o risco para muitos departamentos. Eles deveriam considerar e identificar suas vantagens comparativas e estar dispostos a concentrar seus recursos em vários campos específicos, ao invés de acreditar que devam cobrir todas as áreas do saber.

BIBLIOGRAFIA

- HANSEN, W. Lee. The Education and Training of Economics Doctorates. Major Findings of the Executive Secretary of the American Economic Association's Commission on Graduate Education in Economics. *Journal of Economic Literature*. V. XXIX, p. 1054-1087, Sep. 1991.
- REPORT on the Commission on Graduate Education in Economics. *Journal of Economic Literature*. V. XXIX, p. 1035-1053, Sep. 1991.
- SOUZA, Nali de Jesus. Considerações sobre a Dissertação de Mestrado. *Análise Econômica*. Porto Alegre: FCE/UFRGS, ano 9, n. 16, p. 153-165, set. 1991.
- THE EDUCATION of Economists: From Undergraduate to Graduate Study. *Journal of Economic Literature*. V. XXIX, p. 1088 -1109, Sep. 1991.

ABSTRACT

THE GRADUATE EDUCATION

PROCESS OF ECONOMISTS IN THE USA

This Report tries to verify how the graduate education process of economists is operating in the United States. What is the profile of the students and what are they doing after earning their degree in economics? These and other questions built the goal of the national *survey*. The positive side of the economists formation as well as the concerns are presented. Emphasis is given to the interrelationship of economics, mathematics and econometry. What kind of core program should build the education of doctors in economics? What are the constraints in the economics graduate courses? Creativity and limited communication skills comprise serious shortcomings for students in economics on the graduate level.